

# A CRUZ MUTILADA

Alexandre Herculano

Amo-te, ó cruz, no vértice, firmada  
De esplêndidas igrejas;  
Amo-te quando à noite, sobre a campa,  
Junto ao cipreste alvejas;  
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
As preces te rodeiam;  
Amo-te quando em préstito festivo  
As multidões te hasteiam;  
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,  
No adro do presbitério,  
Ou quando o morto, impressa no ataúde,  
Guias ao cemitério;  
Amo-te, ó cruz, até, quando no vale  
Negrejas triste e só,  
Núncia do crime, a que deveu a terra  
Do assassinado o pó:

Porém quando mais te amo,  
Ó cruz do meu Senhor,  
É, se te encontro à tarde,  
Antes de o Sol se pôr,

Na clareira da serra,  
Que o arvoredado assombra,  
Quando à luz que fenece  
Se estira a tua sombra,

E o dia últimos raios  
Com o luar mistura,  
E o seu hino da tarde  
O pinheiral murmura.

\*

E eu te encontrei, num alcantil agreste,  
Meia quebrada, ó cruz. Sozinha estavas  
Ao pôr do Sol, e ao elevar-se a Lua  
Detrás do calvo cerro. A soledade  
Não te pôde valer contra a mão ímpia,  
Que te feriu sem dó. As linhas puras  
De teu perfil, falhadas, tortuosas,  
Ó mutilada cruz, falam de um crime

Sacrílego, brutal e ao ímpio inútil!  
A tua sombra estampa-se no solo,  
Como a sombra de antigo monumento,  
Que o tempo quase derrocou, truncada.  
No pedestal musgoso, em que te ergueram  
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,  
Do presbitério rústico mandava  
O sino os simples sons pelas quebradas  
Da cordilheira, anunciando o instante  
Da ave-maria; da oração singela,  
Mas solene, mas santa, em que a voz do homem  
Se mistura nos cânticos saudosos,  
Que a natureza envia ao Céu no extremo  
Raio de sol, pasmado fugitivo  
Na tangente deste orbe, ao qual trouxeste  
Liberdade e progresso, e que te paga  
Com a injúria e o desprezo, e que te inveja  
Até, na solidão, o esquecimento!

\*

Foi da ciência incrédula o sectário,  
Acaso, ó cruz da serra, o que na face  
Afrontas te gravou com mão profusa?  
Não! Foi o homem do povo, a quem consolo  
Na miséria e na dor constante hás sido  
Por bem dezoito séculos: foi esse  
Por cujo amor surgias qual remorso  
Nos sonhos do abastado ou do tirano.  
Bradando – *esmola!* a um;  *piedade!* ao outro.

Ó cruz, se desde o Gólgota não foras  
Símbolo eterno de urna crença eterna;  
Se a nossa fé em ti fosse mentida,  
Dos oprimidos de outrora os livres netos  
Por sua ingratidão dignos de opróbrio,  
Se não te amassem, ainda assim seriam.  
Mas és núncia do Céu, e eles te insultam,  
Esquecidos das lágrimas perenes  
Por trinta gerações, que guarda a campa.  
Vertidas a teus pés nos dias torvos  
Do seu viver d'escravidão! Deslembra-se

De que. se a paz doméstica, a pureza  
Do leito conjugal bruta violência  
Não vai contaminar, se a filha virgem  
Do humilde camponês não é ludíbrio  
Do opulento, do nobre, ó Cruz. to devem;  
Que por ti o cultor de férteis campos  
Colhe tranquilo da fadiga o prémio,  
Sem que a voz de um senhor, qual dantes, dura  
Lhe diga: «É meu, e és meu! A mim deleites,  
Liberdade, abundância: a ti, escravo,  
O trabalho. a miséria unido à terra,

Que o suor dessa fronte fertiliza,  
Enquanto, em dia de furor ou tédio,  
Não me apraz com teus restos fecundá-la.»

Quando calada a humanidade ouvia  
Este atroz blasfemar, tu te elevaste  
Lá do Oriente, ó Cruz, envolta em glória,  
E bradaste, tremenda, ao forte, ao rico:  
«Mentira!», e o servo alevantou os olhos,  
Onde a esperança cintilava, a medo,  
E viu as faces do senhor retintas  
Em palidez mortal, e errar-lhe a vista  
Trépida, vaga. A cruz no céu do Oriente  
Da liberdade anunciara a vinda.

Cansado, o ancião guerreiro, que a existência  
Desgastou no volver de cem combates,  
Ao ver que, enfim, o seu país querido  
Já não ousam calcar os pés d'estranhos,  
Vem assentar-se à luz meiga da tarde,  
Na tarde do viver, junto do teixo  
Da montanha natal. Na frente calva,  
Que o sol tostou e que enrugaram anos,  
Há um como fulgor sereno e santo.  
Da aldeia semideus, devem-lhe todos  
D tecto, a liberdade, e a honra e vida.  
Ao perpassar do veterano, os velhos  
A mão que os protegeu apertam gratos;  
Com amorosa timidez os moços  
Saúdam-no qual pai. Nus largas noites  
Da gelada estação, sobre a lareira  
Nunca lhe falta o cepo incendiado;  
Sobre a mesa frugal nunca, no estio,  
Refrigerante pomo. Assim do velho  
Pelejador os derradeiros dias  
Derivam paru o túmulo suaves,  
Rodeados de afecto, e quando à terra  
A mão do tempo gastador o guia,  
Sobre a lousa a saudade ainda lhe esparze  
Flores, lágrimas, bênçãos, que consolem  
Do defensor do fraco as cinzas frias.

Pobre cruz! Pelejaste mil combates,  
Os gigantes combates dos tiranos,  
E venceste. No solo libertado,  
Que pediste? Um retiro no deserto,  
Um píncaro granítico, açoutado  
Pelas asas do vento e enegrecido  
Por chuvas e por sóis. Para ameigar-te  
Este ar húmido e gélido a segure  
Não foi ferir do bosque o rei. Do Estio  
No ardor canicular nunca disseste:  
«Dai-me, sequer, do bravo medronheiro  
O desprezado fruto!» O teu vestido

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

